

Uma análise da cobertura das Paralimpíadas Rio-2016 na Rede Globo de Televisão¹

Guilherme Gonçalves LONGO²
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

A década dos megaeventos esportivos no Brasil fortaleceu o Jornalismo Esportivo, com as Paralimpíadas Rio-2016 agregando neste panorama. Este trabalho, parte da pesquisa de dissertação do autor, apresenta uma análise quali-quantitativa da cobertura feita pela Rede Globo de Televisão, com categorias fundamentadas em protocolo próprio, tendo como base a Análise de Cobertura Jornalística de Silva e Maia (2011) e o estudo de guias de mídia para Jogos Paralímpicos. Os resultados obtidos são opostos. Enquanto houve uma diversificação de conteúdo, é possível notar repetição de informações, sendo o veículo que mais abriu espaço para os Jogos em uma cobertura muito pautada pelos resultados.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Esportivo; Paralimpíadas; Rio-2016; Cobertura; Rede Globo de Televisão

INTRODUÇÃO

Os Jogos Paralímpicos se consolidaram como o principal evento esportivo para atletas com deficiência do mundo, tornando-se um megaevento esportivo. E os Jogos Rio-2016 se mostraram emblemáticos, sendo realizados em meio a uma das piores crises políticas e econômicas que o país já havia atravessado. Mesmo assim, representaram um marco na cobertura jornalística esportiva do país, mesmo tendo uma atenção consideravelmente menor da mídia em comparação às Olimpíadas.

Este artigo apresenta parte dos resultados da pesquisa de dissertação de mestrado do autor (LONGO, 2019), apresentada no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGJor – UFSC), tendo como foco a análise da cobertura feita pela Rede Globo de Televisão dos Jogos Paralímpicos Rio-2016 através de seus produtos jornalísticos diários e semanais (*Hora 1, Bom Dia Brasil, Jornal Hoje, Jornal Nacional e Jornal da Globo, Globo Esporte, Esporte Espetacular e Fantástico*).

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, 24º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo (PPGCom/USP). Formado em Jornalismo pela UFSC e Mestre em Jornalismo pela mesma instituição. O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001. This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior – Brazil (CAPES) – Finance code 001. E-mail: guilherme.g.longo@usp.br

Para isso, foram analisadas as peças veiculadas nos programas jornalísticos do canal entre 07 e 19 de setembro de 2016, utilizando protocolo metodológico quali-quantitativo proposto pelo autor. Para a formulação deste protocolo, utilizou-se como base uma mescla da *Análise de Cobertura Jornalística*, proposta por Silva e Maia (2011) e o estudo de cinco guias de mídia de Jogos Paralímpicos, lançados entre 2012 e 2018.

UMA PROPOSTA METODOLÓGICA

Um dos grandes desafios do projeto como um todo foi encontrar um protocolo metodológico que entregasse tudo que se esperava extrair do material coletado. De imediato chegou-se à conclusão de que apenas uma análise qualitativa não seria suficiente. Por se tratar de uma cobertura extensa, de 13 dias de duração e uma produção frequente de matérias, percebeu-se que o quantitativo também deveria ser considerado na reflexão geral do conteúdo. Isso porque o ritmo de trabalho pode afetar a qualidade do mesmo, uma situação agravada ao considerar o sucateamento atual do trabalho jornalístico, com poucos profissionais para a produção intensa de materiais.

É preciso considerar também que o campo acadêmico do Jornalismo também sofre com uma grande falta de métodos e técnicas de análise próprios da área, com os pesquisadores sendo obrigados a adotar procedimentos de áreas afins, como Letras, História, Antropologia e mais. O problema é que estes podem não necessariamente entregar todas as respostas pretendidas, como analisado por Silva e Maia (2011, p. 21):

Em resumo, a falta de preocupação com metodologias mais apropriadas conduz à repetição de fórmulas metodológicas sem as considerações e adaptações necessárias. Aplicadas indistintamente a perguntas de pesquisa variadas e com escopos dos mais diversos, essas fórmulas acabam por compor um quadro limitado de respostas, quase sempre circunscritas ao domínio do meio / mensagem, e também por encobrir a deficiência das metodologias de pesquisa em jornalismo.

Levando isso em consideração, optou-se por definir um protocolo metodológico próprio que abarcava características qualitativas e quantitativas, por achar que ambas são complementares para os objetivos desta análise, sem necessariamente ter um como mais importante do que o outro (FLICK, 2009).

O modelo desenvolvido para essa pesquisa, em sua etapa quantitativa, usa como base o protocolo metodológico denominado *Análise de Cobertura Jornalística*, de Silva e Maia (2011), que foi proposto como algo complementar aos métodos mais comumente utilizados pelos pesquisadores da área e que foi uma das primeiras desenvolvidas especificamente para o campo.

Na ACJ, o objeto de estudo é analisado por diferentes lentes, sendo elas as “Marcas de Apuração”, as “Marcas de Composição do Produto” e os “Aspectos do Contexto de Produção”. Porém, o protocolo de Silva e Maia é feito exclusivamente para o meio impresso. Por isso, precisou ser adaptado para esta proposta. No final, a lista de itens em cada meio acaba sendo similar, mas respeita às especificidades de cada um. Confira abaixo:

1º - Categorias de Análise Quantitativa do material oriundo do meio impresso

- 1) Número de Conteúdos Veiculados
- 2) Número de Páginas com Conteúdo no Jornal e no Caderno de Esporte
- 3) Tipo de Material
 - a. Matéria
 - b. Reportagem
 - c. Opinativo (Colunas ou Editoriais)
 - d. Nota
 - e. Serviço
- 4) Capa
 - a. Foto
 - b. Chamada com Texto
 - c. Citação
 - d. Outros

2º - Categorias de Análise Quantitativa do material oriundo do meio televisivo

- 1) Tempo Dedicado
 - a. Por Programa
 - b. Pelo veículo

2) Quantidade de matérias veiculadas

3) Tipo de Material

- a. Entrada ao Vivo
- b. Matéria
- c. Reportagem
- d. Entrevista
- e. Nota Pelada ou Coberta
- f. Quadro de Medalhas
- g. Outros

3º - Categorias de Análise Quantitativa do Material Oriundo do Meio Rádio

1) Tempo Dedicado

- a. Por Programa
- b. Por Veículo

2) Quantidade de Matérias

3) Tipo de Material

- a. Entrada ao vivo
- b. Boletim
- c. Reportagem
- d. Entrevista
- e. Nota
- f. Quadro de Medalhas
- g. Outros

4º - Categorias de Análise Quantitativa do Material Oriundo do Meio *Online*

1) Quantidade de Matérias

2) Tipo de Material

- a. Nota
- b. Matéria
- c. Reportagem
- d. Opinativo

e. Serviço

3) Recursos Presentes

- a. Texto
- b. Foto
- c. Vídeo
- d. Áudio
- e. Redes Sociais
- f. Infográficos

Já para as categorias de análise qualitativa, tomou-se com base os guias de mídia produzidos pelos Comitês Paralímpicos Nacionais e o Internacional. Estes materiais têm como função discutir e instruir como a imprensa faz e / ou deveria fazer a cobertura do esporte paralímpico, além de como se relacionar e representar as pessoas com deficiência na mídia. Os documentos, muito focados na parte textual, com pouca atenção para o lado visual, acabam funcionando, de certa forma, como os manuais de redação, comuns aos veículos de mídia do mundo todo.

E, por mais que estes guias tragam apenas sugestões, sem força efetiva que obriguem os jornalistas a os utilizarem, Santos (2018) apontou, em entrevistas com repórteres que trabalharam na cobertura das Paralimpíadas Rio-2016, que estes são levados em consideração:

Em síntese, o que podemos extrair desta seção do trabalho é que os guias de imprensa e de orientações à mídia configuram-se como relevante suporte informativo na rotina produtiva dos jornalistas durante a cobertura dos JP. (...) Por outro lado, o guia de orientações à mídia evidenciou-se como uma ferramenta crítica e reflexiva, potencializadora de transformações paradigmáticas do trabalho jornalístico voltado ao esporte paralímpico (SANTOS, 2018, p. 145)

Os guias, por mais que não sejam feitos por jornalistas, podem colaborar com algumas destas questões, como o reconhecimento social das informações jornalísticas e das pessoas representadas.

Por isso, foram selecionados cinco dos principais guias de mídia produzidos nos anos 2010 sobre a cobertura de esportes paralímpicos. O recorte se deu pela mudança na percepção e no tratamento da pessoa com deficiência pela sociedade como um todo. Ao final da verificação, cuja análise completa está na dissertação de mestrado do autor

(LONGO, 2019), foram selecionados os pontos que servem como base para a reflexão do material empírico da pesquisa. Estes são vistos por três óticas distintas: textual, visual e produção e edição. A distribuição para cada meio ficou desse modo:

1º- Categorias de Análise Qualitativa do material oriundo do meio impresso

- 1) Textual
- 2) Visual
- 3) Produção e Edição

2º- Categorias de Análise Qualitativa do material oriundo do meio televisivo

- 1) Textual
- 2) Visual
- 3) Produção e Edição

3º- Categorias de Análise Qualitativa do material oriundo do meio rádio

- 1) Textual
- 2) Produção e Edição

4º- Categorias de Análise Qualitativa do material oriundo do meio *online*

- 1) Textual
- 2) Visual
- 3) Produção e Edição

A COBERTURA DA REDE GLOBO DE TELEVISÃO

Para esta análise, utilizou-se a plataforma oficial de *streaming* do Grupo, a *GloboPlay*, para a coleta do material, indo de 07 de setembro de 2016, dia da Cerimônia de Abertura, a 19 de setembro do mesmo ano, dia após a Cerimônia de Encerramento. Para o trabalho, optou-se por este veículo por ser o Grupo detentor dos direitos de

transmissão dos Jogos, focando apenas no material veiculado nos telejornais do canal aberto, deixando de lado o que foi ao ar no canal a cabo *SporTV*.

Inicialmente, chama a atenção o fato de a Globo optar por não fazer transmissões ao vivo dos Jogos Paralímpicos em TV aberta, deixando isso para o *SporTV*, e cedendo os direitos para a *TV Brasil*, canal pertencente à EBC, o que representou um grande contraste em comparação às Olimpíadas do Rio, quando o canal transmitiu cerca de 10 horas diárias de competições.

Foram analisados os cinco telejornais diários (*Hora 1*, *Bom Dia Brasil*, *Jornal Hoje*, *Jornal Nacional* e *Jornal da Globo*), além dos dois programas esportivos (*Globo Esporte* e *Esporte Espetacular*) e *Fantástico*. Foram veiculadas 256 peças sobre os Jogos, entre matérias, reportagens, entradas ao vivo e atualizações do quadro de medalhas, totalizando 8 horas, 27 minutos e 59 segundos de cobertura, uma somatória de 13 dias que não chega perto do total de um dia de transmissões olímpicas no canal.

Programa	Número de peças coletadas	Total de tempo dedicado
Hora 1	12	34 minutos e 08 segundos
Bom Dia Brasil	35	01 hora, 01 minuto e 31 segundos
Jornal Hoje	50	01 hora, 41 minutos e 21 segundos
Jornal Nacional	57	01 hora, 43 minutos e 25 segundos
Jornal da Globo	29	43 minutos e 28 segundos
Globo Esporte	41	01 hora, 19 minutos e 38 segundos
Esporte Espetacular	16	01 hora, 06 minutos e 40 segundos
Fantástico	7	17 minutos e 38 segundos
Total	247	08 horas, 27 minutos e 59 segundos

Tabela 1: Números da coleta de materiais da Rede Globo de Televisão (Fonte: Autor)

Olhando para a parte visual do material da Globo, os resultados são surpreendentes, com uma preocupação grande com a apresentação dos atletas e deficiências, seguindo normas de guias de mídia como o de Pappous e Souza (2016). Porém, é preciso destacar que o canal não faz distinção da origem das imagens usadas.

Não foi possível quantificar, mas é notável o uso de imagens da transmissão oficial dos Jogos, que naturalmente possui uma preocupação maior disso.

Por ter uma equipe reduzida para a cobertura em comparação ao que se viu nas Olimpíadas, com poucos jornalistas tendo que abastecer toda a programação do canal, é possível notar uma certa repetição de conteúdos, mas sem a repetição de peças completas. Muitas vezes havia uma mudança de angulação ou, no caso dos resultados, uma matéria era modificada ao longo do dia acrescentando novas informações. Isso também pode se justificar pelo fato de os públicos dos telejornais não serem os mesmos, devido aos horários.

O Fantástico foi o que menos dedicou espaço aos Jogos. É preciso considerar o fato de ser um programa semanal mas, mesmo assim, foi uma cobertura muito pequena. Suas peças não focaram no factual, o que é um problema, já que é o único noticioso do canal nas noites de domingo. O canal justificava que os principais acontecimentos do dia seriam foco do *Boletim Paralímpico*, veiculado diariamente no início da madrugada. Porém, o horário de veiculação era variável, além de ser uma faixa de baixa audiência.

Chamou a atenção também o fato de que, no segundo domingo, 18 de setembro, o programa sequer fez menção à Cerimônia de Encerramento dos Jogos, que acontecia ao mesmo tempo.

Já o Esporte Espetacular abriu sua cobertura no dia 11 com uma reportagem de tom introdutório aos Jogos, explicando algumas questões básicas do esporte paralímpico, importante ao considerar as especificidades deste tipo de modalidade.

O foco do dominical ficou na produção de conteúdos especiais, inclusive com entrevistas ao vivo no estúdio com Clodoaldo Silva, nadador que fazia sua despedida nos Jogos do Rio e parte da equipe da seleção brasileira de Futebol de Cegos após a conquista do ouro. As outras reportagens foram longos perfis sobre atletas de destaque.

Já o outro programa esportivo do canal, o Globo Esporte, fez um trabalho de cobertura bastante diferente. Veiculado de segunda a sábado, seu foco ficou quase que integralmente no factual, com quase todas as medalhas conquistadas sendo noticiadas. Porém, estas eram exibidas em notas de curta duração. Por se pautar muito pelo resultado e as medalhas, as modalidades coletivas mal tiveram espaço.

Passando para os telejornais diários, o Hora 1 foi o que menos dedicou espaço aos Jogos, sendo, inclusive, o único ao longo da análise a passar um dia sem mencionar o evento, em 14 de setembro. Em média, não dedicou mais do que 03min30s por dia. No

geral, seu foco esteve mais em apresentar os resultados do dia anterior, com o material sendo composto por matérias factuais, com poucas indo além de apenas listar os resultados.

Com muita repetição de material do dia anterior, o Hora 1, que tem uma duração estendida, perdeu uma grande oportunidade de servir como a prévia das competições do dia, o que criaria um diferencial em seu conteúdo.

A prévia, inclusive, ficou mais com o Bom Dia Brasil, o telejornal que mais conseguiu diversificar o conteúdo exibido para o telespectador, indo além das arenas com pautas como a presença militar na segurança dos Jogos e o processo de formação de Hilário Neto, uma pessoa cega, para se tornar comentarista do SporTV. Outra matéria de destaque foi um perfil sobre Alessandro Zanardi, atleta do ciclismo que tem também uma longa trajetória no automobilismo.

Já o Jornal Hoje teve um formato bastante diferente dos demais. Das 50 peças coletadas, 40% delas foram entradas ao vivo, criando uma grande conexão entre o estúdio e os locais de competição. Quase todos os dias algum repórter falava ao vivo sobre a movimentação no Parque Olímpico e as principais novidades do atletismo e da natação, inclusive repetindo o profissional que havia feito o mesmo pouco antes no Globo Esporte.

Porém, a reportagem de abertura da cobertura do Jornal Hoje foi a mais diferente em termos de pauta, contando a história do Hospital Sara Kubitschek, em Brasília, que usa o esporte como forma de reabilitação, assim como na gênese do movimento paralímpico na Inglaterra nos anos 1940. Outro conteúdo de destaque foi uma reportagem sobre pessoas com deficiência que trabalhavam na cobertura dos Jogos, como o fotógrafo João Maia, que é cego.

O Jornal Hoje ainda trouxe materiais que falavam dos serviços de acessibilidade oferecidos nas arenas, como a audiodescrição, além dos animadores das arenas, que também eram responsáveis por controlar o silêncio em modalidades como o Goalball, onde este é necessário para o seu andamento.

Principal telejornal do canal, o Jornal Nacional abriu sua cobertura no dia 07 de setembro com imagens da Cerimônia de Abertura que acontecia simultaneamente no Maracanã, com melhores momentos em uma matéria de quase seis minutos de duração e uma entrada ao vivo no discurso do presidente do Comitê Organizador da Rio-2016, Carlos Arthur Nuzman.

A cobertura do Jornal Nacional se destacou das demais, não somente por ser o que mais abriu espaço para os Jogos como também por ser o que mais diversificou o conteúdo. Mesmo com matérias que falavam sobre as medalhas do dia, informações já exibidas em telejornais anteriores, estas tinham um diferencial. Como no dia 08, ao noticiar as duas primeiras medalhas do Atletismo, a repórter também explicou que, em algumas provas da modalidade nas Paralimpíadas, existe troca de guias, algo que não apareceu em nenhum outro lugar da cobertura. No dia seguinte, ao falar da prata do nadador Phelipe Rodrigues, o repórter Renato Peters trouxe a informação pela angulação dos rituais pré-prova dos atletas, como o de ouvir música.

O Jornal Nacional também foi um dos poucos a fazer uma reportagem especificamente falando sobre a classificação funcional, uma das principais características (e polêmicas) em torno do esporte paralímpico, explicando o que é levado em consideração na avaliação e os pontos negativos, se destacando por ser um material realmente aprofundado sobre o tema.

Com o Jornal Nacional, é preciso destacar o fato de que Daniel Dias foi o grande nome da cobertura da Globo. O atleta da natação fez uma Paralimpíadas histórica, tornando-se o maior nadador masculino da história dos Jogos, e isso se refletiu na cobertura em cima dele, estando presente em todos os dias da análise, com destaque para o dia 19, quando ele foi entrevistado ao vivo na bancada do JN pelos âncoras William Bonner e Renata Vasconcellos, sendo apenas o terceiro atleta a receber tal distinção.

O principal problema no material da Globo, porém, veio do Jornal Nacional, em uma reportagem veiculada no dia 12. Feita pelo repórter Marcos Uchôa, a pauta era o grande número de atletas paralímpicos que haviam se tornado deficientes por causa de guerras e conflitos civis. Uchôa não foca em apenas um atleta e traz a história de diversas pessoas de diferentes modalidades, sem nenhuma entrevista, contando apenas com o texto do repórter.

Ao longo de seu off, termo utilizado no Telejornalismo para designar as falas do repórter que são acompanhadas de imagens diversas, Uchôa usa diversas expressões que criam um efeito muito mais dramático que o necessário, como “corpos dolorosamente transformados”. No que tange às imagens desta reportagem, diversos momentos não seguem as recomendações do guia de Pappous e Souza (2016), com foco na deficiência do atleta, totalmente descaracterizando a pessoa ali representada.

O último telejornal desta análise é o que fecha a programação diária do canal, o Jornal da Globo. Este foi o segundo que menos dedicou espaço aos Jogos, à frente apenas do Hora 1. E, assim como nos demais, o foco ficou nos acontecimentos e as medalhas, em particular do Atletismo e da Natação.

Por ser o último do dia, foram poucas as vezes em que ele trouxe algum conteúdo que o diferenciasse dos demais. Isso se viu com mais intensidade no primeiro dia, por ser o único exibido após o fim da Cerimônia de Abertura, mostrando o que havia acontecido no Maracanã e na transmissão aberta no Boulevard Olímpico. No geral, foi uma cobertura extremamente factual, com trabalho bastante limitado, de pouco conteúdo e sem algo que o diferenciasse. Mas, assim como no caso do Fantástico, a justificativa para isso era a existência do Boletim Paralímpico.

CONCLUSÕES

A Globo realizou nas Paralimpíadas do Rio uma cobertura muito diferente da que havia feito semanas antes, nas Olimpíadas, com as largas horas ao vivo sendo limitadas a um trabalho dentro dos telejornais. Na época, em meio às críticas recebidas, a direção do canal tentou justificar isso como “decisões artísticas”³.

Quanto ao conteúdo, notamos resultados opostos. Mesmo conseguindo diversificar o conteúdo entre seus telejornais, foi notada muita repetição de informação e de imagens, o que pode ser justificado pela mudança de público de cada noticioso, devido aos horários. Porém, foi o que mais abriu espaço para os Jogos.

No geral, foi uma cobertura muito pautada pelos resultados. Schantz e Gilbert (2001) já apontavam que, no esporte paralímpico, os meios de comunicação em massa têm a tendência de enfatizar resultados e as performances ao informar sobre os atletas com deficiência. Porém, isso pode ser justificado pela cobertura limitada que o evento recebe, com pouco espaço para algo mais elaborado e aprofundado.

Apesar dos pontos positivos, é preciso ressaltar o deslize cometido na matéria de Marcos Uchôa, com o uso de um tom extremamente dramático para falar sobre os atletas, inclusive com imagens focando desnecessariamente em suas deficiências, descaracterizando a pessoa.

³ <https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2016/09/09/globo-diz-que-compactodaparalimpiada-foi-decisao-artistica.html>. Acesso em: 27 jun. 2024

REFERÊNCIAS

- FLICK, Uwe. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009
- LONGO, Guilherme. **A Cobertura das Paralimpíadas Rio-2016 na Imprensa Brasileira**. 211 p. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019
- PAPPOUS, Athanasios; SOUZA, Doralice Lange de. **Guia para a Mídia: como cobrir os Jogos Paralímpicos**. Brasília: CPB, 2016
- SANTOS, Silvan Menezes do. **O processo de Produção de Notícias dos Jogos Paralímpicos Rio-2016: Rotinas, Critérios e Valores do Jornalismo Esportivo Paraolímpico**. 2018, 289 p. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018
- SCHANTZ, Otto; GILBERT, Keith. An ideal misconstrued: newspaper Coverage of the Atlanta Paralympic Games in France and Germany. **Sociology of Sport**, n. 18, p. 69-94, 2001
- SILVA, Gislene; MAIA, Flávia Dourado. Análise de cobertura jornalística: um protocolo metodológico. **Rumores**, São Paulo, n. 10, p. 18-36, jul/dez., 2011